

Arte, luz e liberdade

Discurso proferido em 25 de julho de 2016, por ocasião dos festejos comemorativos do Dia Nacional do Escritor, na Casa Rosada da Rua Santana, sede da União Brasileira de Escritores.

Alexandre Santos*

Minhas senhoras e meus senhores,

Declaro aberta a festa realizada regularmente pela União Brasileira de Escritores para comemorar a passagem do Dia Nacional do Escritor, o dia consagrado no Brasil aos artistas e cientistas da palavra - seres iluminados que, dando sentido, forma e beleza às letras, transformam idéias e sonhos em textos, contribuindo para a elevação da saúde cultural da sociedade e resistência das pessoas às manipulações da palavra. Como já disse em outras oportunidades "este dia deve ser valorizado por todos, pois, através da atividade literária, os escritores ajudam a formar a opinião e a elevar a capacidade crítica das pessoas, elementos fundamentais para a consistência dos processos que levam ao bem estar coletivo".

O sentido da festa é o mesmo, mas, este ano, o formato da celebração será diferente.

De fato, quebrando uma antiga tradição - em gesto que confirma a insubmissão dos artistas às regras herméticas e rígidos padrões preconcebidos e imutáveis -, ao invés de marcar a solenidade com o cerimonial de sempre e que parecia pétreo, a partir deste ano, a UBE vai reservar as conferências, anúncios e reuniões da congregação da Ordem do Mérito Literário Jorge de Albuquerque Coelho para a admissão de comendadores na mais importante con-

fraria mantida pela Casa de Paulo Cavalcanti para outros momentos, igualmente solenes.

A partir deste 'Ano Tarcisio Pereira' de 2016, acatando a sábia decisão do seu corpo dirigente, em clara mensagem às formigas que teimam em não reconhecer a arte como elemento fundamental da construção de um País rico, poderoso e moderno, a UBE vai usar o prestígio do Dia Nacional do Escritor como plataforma e criar um espaço privilegiado, capaz de catapultar a repercussão daquilo já que ocorre na Casa Rosada da Rua Santana em muitas outras ocasiões e mostrar à sociedade fragmentos da arte literária produzida pelos artistas da palavra,

Através de sarau literário qualificado, a UBE vai aproveitar o Dia Nacional do Escritor para ampliar a voz daqueles que fazem da palavra o seu instrumento de manifestação artística, estimulando-os a soltar a voz, os sentimentos e os pensamentos através da apresentação de trabalhos literários em pequena amostra daquilo que movimenta a cena cultural do País e, nesse embalo, segundo o estilo próprio de cada um, mostrar o mundo da forma como o escritor o vê.

Minhas senhoras e senhores,

Neste momento, como vem fazendo sempre que tem a chance, cumprindo responsabilidades inerentes à condição de entidade que faz a representação política dos escritores do País, a União Brasileira de Escritores manifesta decepção com o descaso do governo com a questão cultural. Aliás, o abandono da cultura - que, nos últimos dias, parece ter assumido ares de perseguição - é fruto do medo e própria dos estágios mais rudimentares de formação política. Afinal de contas, sendo criaturas que, como se fossem vampiros, só atuam nas sombras e nas trevas, os trogloditas da política têm muito a temer

dos artistas, cuja atividade estimula a postura crítica e, naturalmente, produz luz.

Da sua parte, usando apenas os instrumentos da arte como ferramentas e armas, falando abertamente ou através de mensagens subliminares, assim como fazem outras entidades artísticas e culturais, a União Brasileira dos Escritores lança permanentes avisos sobre aquilo que a sociedade quer e precisa e, no mesmo embalo, lembra que - sem a percepção dos brutos e por mais que as elites não queiram e tentem impedir -, sendo expressão da sensibilidade popular, ao fim das coisas, são os artistas de todas as linguagens e todos os gêneros que apontam caminhos e conduzem as massas.

Isto é o que ocorre sempre.

Ocorreu ontem, ocorre hoje e vai ocorrer amanhã.

E isto põe medo nos governantes, especialmente naqueles cujos propósitos passam ao largo dos interesses da sociedade. Não é outra a razão de os artistas serem os primeiros a entrar na alça de mira da truculência dos regimes elitistas.

No presente momento, em forte indício de que há alguma errada, a cultura e a arte estão sob ataque.

Inicialmente, insuflados pelos senhores das trevas, sem receio de expor a própria ignorância, setores conservadores, brutos de profissão e inocentes úteis atacaram artistas de posicionamento crítico e progressista. Dizendo-os exploradores e farsantes, os brutos moveram campanha de intimidação violenta com o propósito de desacreditar os artistas como agentes políticos, sem poupar sequer alguns dos maiores artistas brasileiros de todos os tempos, como Chico Buarque de Holanda, Gilberto Gil e Caetano Veloso.

Depois, ainda nos primeiros instantes do governo interino do vice-presidente Temer, os trogloditas tentaram extinguir o ministério da cultura e só não lograram êxito graças à pronta reação dos meios culturais, que, por todo o País, protestaram contra o atraso obscurantista.

Agora, em gestos próprios daqueles habituados a queimar livros, amarrar e amordaçar as pessoas, as trevas conservadoras estão formalizando o ataque à arte e aos artistas através da criação de uma Comissão Parlamentar de Inquérito para investigar a aplicação da Lei Rouanet, principal mecanismo de incentivo cultural do governo federal, como se o mundo da arte fosse um antro de corrupção e nele estivessem os males que acometem a sociedade brasileira.

O comportamento medieval de ataque às artes e aos artistas é próprio do atraso, [próprio] de quem tem medo do futuro, [próprio] de quem quer manter o status quo baseado na ignorância.

Vale salientar que, por razões diversas, a UBE faz severas críticas à Lei Rouanet. Na realidade, em grande parte, o caráter concentrador das políticas públicas voltadas para a cultura decorre do mecenato no qual se assenta a Lei Rouanet. Isso, no entanto, não nos coloca no mesmo campo daqueles que, por razões políticas inconfessáveis, se voltam agora contra a Lei [Rouanet]. Está claro para todo mundo que uma CPI instituída para perseguir artistas não terá olhos para verificar, por exemplo, que os avanços introduzidos no Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL) não alteraram o panorama da concentração verificado no País e que os autores, editoras e leitores das regiões fora do eixo sudestino continuam à míngua, recebendo apenas sobejos. Uma CPI inspirada no obscurantismo não vai, claro, anotar que o pífio orçamento reservado pelo governo brasileiro à cultura corresponde a apenas cerca de 2/365 da fortuna transferida aos banqueiros em pagamento de juros de uma dívida [que,

como ficou nítido em recente decisão do Congresso Nacional, não querem ver auditada]. Ao contrário dos mentores da tal CPI, que desejam o abandono da cultura ao Deus-dará, a UBE quer a democratização dos mecanismos de incentivo, inclusive com o aporte de recursos substanciais ao setor.

Mas, minhas senhoras e meus senhores, voltemos à festa.

Vamos nos deleitar com o show dos artistas da palavra.

Legítimos senhores do posto que a mídia quer [ocupar], os artistas são a voz do Povo e, portanto, a voz de Deus, alternando, consciente ou inconscientemente, a condição de formador de opinião e de porta-voz do inconsciente coletivo.

Por isso, justificando o medo dos trogloditas, vamos prestar atenção às coisas ditas e, também, as coisas não ditas [pelos artistas]. Prestemos atenção nas linhas e, também, nas entrelinhas.

Os artistas têm muito a dizer e, mesmo sem perceber a profundidade das coisas que falam e escrevem, dizem tudo, falando sobre o passado, sobre o presente e, sobretudo, sobre o futuro.

Viva a arte!

Viva a cultura!

Viva o Dia Nacional do Escritor!

Muito obrigado.

(*) Alexandre Santos é presidente da União Brasileira de Escritores (UBE)